



**2-3** | **sísiffo**

FASCÍCULOS DE POESIA E DE CRÍTICA

# sísifo

poesia e crítica  
FASCICULOS 2-3

direcção e edição de  
MANUEL BREDA SIMÕES

---

## POEMAS

- ANTÓNIO DE NAVARRO — ELEGIA À MÚSICA  
ANTÓNIO RAMOS ROSA — AS MUSAS  
JOAQUÍN DE ENTRAMBASAGUAS (esp.) — PARA UNA ANCIANA  
QUE FUÉ HERMOSA  
EUGÉNIO DE ANDRADE — PARA UM PÁSSARO e POST-SCRIPTUM  
CARMEN CONDE (esp.) — 2 POEMAS  
JOAQUIM FERRER — CHAMBRE CLOSE  
PAULO MENDES CAMPOS (bras.) — NO VERÃO  
JOSE HIERRO (esp.) — POEMA A VICTOR CORUGEDO  
DOMINGOS CARVALHO DA SILVA (bras.) — THE LOST  
PARADISE  
JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA (bras.) — CANÇÃO  
PAULO ANTÓNIO — NASCIMENTO DA POESIA  
MANUEL ARCE (esp.) — CARTA DE PAZ A UN HOMBRE  
EXTRANJERO  
AURELIANO LIMA — TU, POESIA !

## CRÓNICAS

- CARMEN CONDE — MIGUEL HERNÁNDEZ GINER, POETA  
TOMÁS RIBAS — ALGO DE NOVO NA POESIA INGLESA  
EUGÉNIO DE ANDRADE — NOTA BREVE SOBRE O PINTOR  
JÚLIO RESENDE

CAPA E HORS-TEXTE DE JÚLIO DE RESENDE

Rev. 7078 V

Compra

21. AGO. 1997

## elegia à música

Sinto, sofrendo, o meu vago  
e arrastando-o por mim além.  
Como se eu fora o perseguido,  
dou a cada cousa um sonho  
e uma visão, para que me absolva  
de não poder cantar até ao meu fundo sombrio  
a grande contemplação ansiosa  
que cai em êxtase na minha alma  
por todas as cousas...

E das cousas e do êxtase puro  
me transcende. Vibra uma nota  
de mim desfeita num verso  
que há-de procurar-me e levar uma gota de sangue  
de uma veia minha e dá-la  
ao amor que cria a carne etérea das sensações,  
e dos mitos, onde se encastoa não sei que opala  
onde tange esse mar longínquo  
que em nós ondula  
atirando à praia que somos os nossos sentidos  
a serem o nosso caminho ido e futuro,  
e até o imaginário,  
sobre o qual marchamos  
a ver se damos connosco e nos encontramos.

Quem nos embala, quem embala a crença  
que embalamos, tem mãos finas e crentes,  
tão crentes que à descrença lhe dão uma esperança  
e à dúvida verdades transcendentas.

São essas mãos que plantam sonhos e visões  
nos espaços a que damos vãos tais



*que, mesmo depois, a nossa morte  
possa voar os silêncios sepulcrais.*

*Contra o peito aperto  
não sei que melodia...  
É ópio ao deserto  
de não sei que nostalgia...*

*É contra ele que o mar atira uma  
onda toda cristais do meu sangue, ferindo-se a si mesmos.*

*Oh meus sentidos a incendiar a bruma,  
para iluminar o meu cântico nos ermos  
que me passeiam pelas veias dentro  
virgens nuas a pedirem espasmos à lua  
que dorme nas minhas mãos um pensamento sonâmbulo.*

*Hei-de bebê-lo como a água cristalina  
que me sai da alma e se turva ao dar com a vida.  
Bebê-la-ei antes de turvar-se  
ainda cheia da manhã original  
que deu o meu ser antes de encontrar-se  
com o problema insolúvel do seu final.*

*Bebê-la-ei ainda quando ela vier tocada de eterno  
e de harmonia  
e, nessa música,  
ficarei sobre o mundo para sempre como a túnica  
duma neblina vestindo o bailado  
que ando a compor sobre a minha alma,  
ébria da sua agonia.*

*Numa opala, ferida pelo meu sangue,  
no lilaz dum crepúsculo, encastoarei a luz  
pérola da manhã, não sei para quê...*

—...mas talvez para que venham os bruxos que nos  
embriagam de bebedeiras os desvãos sombrios,  
tecer predições e augúrios sobre aquela visão que nos não vê  
e tateamos para que se desvende o mistério inefável  
onde se nos suspendem os sentidos.

*Ferido, tu vens... — tu, quem?*  
— tu, vago, que eu sinto a diluir-me  
para que essa onda misteriosa  
regresse à origem  
e nessa neblina repouse  
mas continue o seu vôo desfeito.

*Tu, mar, foste tu,*  
— atiraste-me para dentro do peito,  
o teu mar, o delírio do teu mar,  
para que eu vá procurar-me na aventura dum barco  
que saiba cismar  
toda a lonjura  
para a ser e encontrar.

*E eu fui, fui contigo,*  
e encontrei-me no amor de tudo crucificado  
e ficou-me, perdido, à minha procura,  
em distâncias e lonjuras, um mendigo  
que pede apenas lonjura  
para rasgar o seu próprio caminho de cada dia  
e assim ilimitar o seu limitado mundo.

*Ai, música, minha carne e tudo mais só te pediria*  
*para fazeres dos meus ossos flautas*  
*e encantares e embalares cada ideia que viesse*  
*aos grandes sonhos orquestrais pedir pautas*  
*e desvairios sentimentais, desvairios de cânticos,*  
*onde a alma do homem se aquece*  
*para o grande frio que o espera.*

*Ai música dos meus ossos em flautas  
de pastores perdidos em mágicas montanhas,  
desta o meu sangue na quimera  
e em ti simplesmente encontre as estranhas  
sensações que não encontram flautas  
que as fixem, libertando-as nas suas próprias visões e delírios,  
única forma de libertar seja o que for.*

*Só o meu amor me liberta  
para a romagem sinistra de o procurar  
— de procurar qual é o sonho que dista de mim  
o bastante para me encontrar  
sem dar com o meu fim.*

*Sem dar com o fim seja do que for.  
Ai, só o amor encontra-me tudo  
para em tudo me perder  
e, se me oferece um silêncio mudo,  
encontra a sua música no meu ser.*

*E é ele que o oferece ao inefável  
para que ele seja a túnica de neblina  
onde me envolve e sinta, bailando assim,  
todo o vago que sofro e sou,  
no corpo intangível e musical duma bailarina  
a quem dou os movimentos que se animam  
e voam — e voam os grandes voos orquestrais  
com as nossas inefáveis sensações que só rimam  
com golpes d'asa irisando voos.*

*Dez. — 1947*

ANTÓNIO DE NAVARRO



# AS MUSAS

A EUGÊNIO DE ANDRADE

Donde estou vejo-a nua com os joelhos sustentando a lua. O céu como se fosse a sua enorme sombra multiplicada está cheio de estrelas: estrelas na sombra do seu corpo. É como se fosse universal. Há o campo que nos envolve inteiro, ora num abraço raso de planícies, ora num abraço curvo de montanhas. Ergue-se por fim e os seus passos ardentes encaminham-se para as nascentes dos rios gerando ininterruptamente as manhãs. As suas palavras são totais de sílabas translúcidas. Na sua pele dura há a força da conquista e da marcha.



Ela tem os olhos sangrentos e serenos. São os seus olhos de sangue, de ondas de sangue em movimento. A sua boca cerra-se num silêncio de fogo, num silêncio terrível como se temesse desencadear, abrindo-a, a tempestade dos mundos, a hecatombe redentora. É a própria boca da vontade, do amor que não perdoa. A vingança nela tem outro nome: é justiça. Ela é todo o passado, todo o presente e todo o futuro.



É a figura de um pequeno grito, de um queixume de uma vida inteira. O seu corpo é pequeno como uma sombra de costureirinha. Tem os olhos frescos de luz: a luz neles parece uma lágrima. Olha para o lado da aurora, numa vaga expectativa feliz, como se o sol a fosse tornar invisível, confundiu-a com o murmúrio do mundo. É como uma flor, uma nuvenzinha, mas o seu coração é uma minúscula semente duríssima: e é só por isso que não voa, não se desfaz e há-de incorporar-se no grande coro da alegria que vai nascer.



É toda tristeza, indefinidade de contornos, serenidade curiosa e plena. Ela sabe que o sol vai nascer e a vida vai tornar-se natural e feliz como se de toda a eternidade este momento tivesse sido preparado. Acaricia as flores

e come os frutos, na ante-manhã do mundo, com a tristeza de quem perdeu universos, mas com a serenidade de quem sabe que a manhã que vai nascer criá-los-á aos milhares para a sua abundante tristeza se disseminar nos infinitos limites dos mundos.



Traz o sol atado aos cabelos e com as mãos distribui as noites e os dias, as estrelas e os planetas. Da sua ampla mão de deusa, casta e fecunda, cai um rio de sangue sobre a terra. Nas suas pupilas rebrilha todo o mar e todos os campos e todas as aves se cruzam, desenhando os seus vôos em precipitadas e dolentes curvas que, entrelaçando-se, formam no oval dos seus olhos um móvel rendilhado em perpétuo e ininterrupto movimento.



Já não há nela memória presente do passado. É virgem da primeira hora no mundo, nasceu com o estabelecimento da alegria total. Por isso os seus olhos rebrilham só de presente e futuro, só da primavera inicial, só das primaveras futuras. As estações, os dias e as horas combinam-se nos seus olhos em serenos cambiantes donde o medo é ausente. A natureza é um plácido domínio que ela conquistou com clara heroicidade. O seu peito infla do fôlego harmónico das cidades, é monumental e humana, poderosa e natural, da estatura de todas as possibilidades abertas.



É uma criança dividida ainda pela noite e pelo dia. Esta separação é uma chaga interna que lhe percorre o corpo, de alto a baixo, e que sangra. Dum olho cego, corre-lhe um fio de sangue como um cordão umbilical que a liga à noite. No outro há o espanto irreflectido de uma possibilidade inaudível: uma pálpebra isenta, suspensa sobre um olho que se abre à luz demasiado possível, demasiado real, demasiado bela. É este todo o seu horror.



É um esqueleto. Flores, frutos, searas, um homem com um tractor. Crianças que brincam. É um esqueleto, oculto entre a seara, de um homem de outros tempos, um longínquo homem, eu, tu, nós.





É a que nunca teve sorte e tinha um grande amor que merecia a felicidade. Divaga entre as searas, pó de oiro, de verde, de poalha de sol, com reflexos na água de um tanque onde caiu uma rosa. As raparigas que vêm do trabalho são fortes, sadias e cantam uma canção admirável que um poeta do campo e um músico da cidade compuseram. Ela é preguiça de felicidade, ondulação da poeira, feliz resíduo da alegria que paira impalpável, feliz por pairar, feliz por se depositar em qualquer canto, feliz por viver num sono móvel que um canto de pássaro ou um raio de sol acorda, esquecimento, esquecimento.



É a negra mulher de corpo de carvão e desastre, com um hálito de minas, um punho de fogo e um verdadeiro sorriso de aurora. É surpreendente este perfil duplo, trágico e voluntarioso, de carvão e de sol, como uma noite-manhã, um parto subterrâneo da vontade, cujos filhos serão os claros dominadores das profundezas da terra.



É toda mar e vento e praia com um adejar de gaivotas nos cabelos. É todo o sol em todo o mar, todo o vento, toda a imensa frescura da terra e do céu e do mar combinados. O seu sexo oculta os palácios submarinos das imaginações ardentes: o leite dos seus seios não é amargo nem doce, tem a frescura dos rios e a sua pureza. A canção que ela canta só os peixes a ouvem, tão subtil é, como se estivesse sempre longe, com a cabeça nas nuvens, os olhos perdidos nos horizontes. É um murmúrio que se distingue tão vago como uma nuvem que se confunde com o céu. O seu sangue é uma tumultuosa cascata que purifica o ar com uma névoa cristalina e serenamente apoteótica. O seu lenço é um crepúsculo e o seu adeus uma ondulada mão desfazendo-se entre mar e céu.



É quase nada. Um pequeno remorso vago numa consciência medularmente estreita: — uma desconfiança de que o universo existe?

ANTÓNIO RAMOS ROSA

# para una anciana que fué hermosa

*Qué tristeza! En tu frente cicatrices del tiempo  
tiemblan bajo la nieve de plata que las cubre.*

*Qué tristeza! Tus ojos son dos lagos helados,  
donde una azul mirada languidece en la niebla.*

*Qué tristeza! Tus labios son una muerta rosa  
en la que ya las perlas del rocío no ríen.*

*Qué tristeza! Tu cuerpo lucha por su estatura  
cuando tus manos tiemblan asiéndose a las horas  
con unos desvelados marfiles de otros días  
y la gracia del ave que vuela sobre el mundo.*

*Qué tristeza!...*

*Tristeza?*

*Quién sabe de las cosas  
que se ofrendan al sueño, a la vida o al llanto?...*

*Nadie!*

*En esa tristeza que contemplan las gentes  
con su pupila turbia y su corazón seco,  
hay un triunfo del alma, de esas ruinas señora,  
que ha renunciado a todo porque es todo ella misma.*

JOAQUÍN DE ENTRAMBASAGUAS





«Mulheres do Alentejo» (França — Galeria Particular). Óleo (80 × 65)  
de JÚLIO RESENDE (1950).

*Hors-texte de «Sísifo» 2/3*

# para um pássaro

e para o poeta António de Navarro

*Deixa o poema ser um pássaro de alegria  
e abre-lhe a janela.*

*Dá-lhe o ramo mais verde ou o céu mais azul  
e deixa-o cantar no coração dos homens.*

*Não o retenhas nas tuas mãos  
ou nos teus lábios onde cresce o frio.  
Dá-lhe o teu sangue a beber  
ou a madrugada — e deixa-o partir.*

*Os olhos das crianças estão à sua espera,  
os ombros das raparigas estão à sua espera,  
os amantes desesperados estão à sua espera!*

*Enche a alma de felicidade ou de barcos  
quando o vires partir.  
Deixa-o ser livre.  
Deixa-o ser pássaro!*



## post-scriptum

*Agora regresso à tua claridade.  
Reconheço o teu corpo, arquitectura  
duma cidade ardente, povoada,  
flutuando sem limites na espessura  
da noite cheirando a madrugada.*

*Acordaste na aurora — a boca rumorosa  
de peixes e de açucenas ;  
pensativa rosa abrindo nas areias,  
alta e branca, branca apenas,  
e mar ao fundo, o mar das minhas veias.*

*Estás de pé nos meus versos e no trigo  
ainda quente dos beijos que te dei;  
tão jovem !, e mais que jovem, sem mágoa !,  
como no tempo em que tinha medo  
que te afogasses numa gota de água.*

EUGÊNIO DE ANDRADE



## 2 poemas del “Cancionero de la Enamorada”

4

*Al amanecer vendrías,  
si recordaras, con flores.  
Cuando los pájaros nacen,  
si me quisieras, con flores.*

*Con flores para mis brazos,  
al amanecer; cantando.*

*Si recordaras que fuimos  
un solo ser, con flores;  
desnudando los atajos  
de retamas, tú, con flores.*

*Con pájaros, no, con flores.  
Al amanecer vendrías.*



*Si tú trajeras caballo,  
qué ligero llegarías;  
con escarchas de la luz  
qué caballo te traería!*

*El campo como una flor  
en tu cuello yo olería,  
y los arroyos del mundo  
para tí despertarían.*

*Tu caballo para mí  
de arcángel te me daría.  
Si tuvieras un caballo,  
amante, tú correrías!*

*El Escorial 1951.*

CARMEN CONDE



# chambre close

*Les arbres bleus se dressent comme des soldats  
avec leurs baionnettes teintées de blanc  
de zinc comme si cela voulait cacher un crime  
trop rouge sous le toit du salon immense  
il n'est pas possible d'ouvrir les yeux  
on ne peut que désirer la mort de tout ce qui nous entoure  
et de rester vide au milieu de l'univers  
et de vivre parmi les pensées de son cerveau  
héros de la plus terrible destinée  
qu'est-ce la mort à côté de cela  
les yeux droits vers l'infini  
la bouche close sans besoin de parler  
à qui parler dans le désert de dieu mon dieu  
quelle effroyable menace pour l'être du temps  
que cet homme seul au milieu de l'espace  
elle est finie la race  
mais c'est l'idée qui reste avec son bras immense  
et la pensée qui traverse le monde d'un bout à l'autre  
ah laisse-moi rire sur l'audace d'un rêve  
laisse-moi partir vers le dernier coin de l'improbable  
les arbres qui se tiennent comme de jeunes soldats  
cet élan des doigts pointés vers les astres  
ah laisse-moi partir à la conquête du désert  
laisse-moi briser les portes des prisons  
que m'importe en cet instant le juge en noir  
qu'importe l'accusation qui frappe au nom du peuple  
qui ne peut voir le soleil que derrière ses barreaux  
qui ne peut dire que le mot dont il ne connaît la raison  
j'entends des violons qui sonnent à coups de canon  
et des canons qui prennent l'aspect de violettes  
ah les mains de jeunes filles qui approchent pour les cueillir  
l'étrange des miracles à l'envers  
l'étrange du monde placé dans une chambre close*

JOAQUIM FERRER

Do livro de poemas, inédito, «La Ville Mordue»



## no verão

*Inventaremos no verão os gritos  
Verberados na carta episcopal.  
Somos apenas pássaros aflitos  
Que nada informam da questão moral.*

*Tens os olhos audazes, infinitos  
E sinto ao pé de mim o deus do mal.  
De nossas almas nascerão os mitos  
De nossas bocas uma flor de sal.*

*Deitaremos raízes sobre a praia,  
A jogar com palavras insensatas  
O desespero de se ter um lar.*

*E quando para nós enfim se esvaia  
O demónio das coisas insensatas  
Nossa grandeza brilhará no mar.*

PAULO MENDES CAMPOS



# POEMA A VICTOR CORUGEDO

para su libro «Cruce de Vientos»

*AQUI está Víctor Corugedo.  
Exprime el zumo de su vida  
cantando en el cruce de vientos.*

*Alza la voz. El necesita  
eternizarse en el recuerdo.  
Alguno habrá que le acompañe  
por su desierto.  
Con la voz del que ya no sueña  
nos va cantando su secreto.  
Con la voz del que ha visto hundirse  
la tierra, el aire, el agua, el fuego.  
Con la voz del que le ha quedado  
desnudo su paisaje interno.*

*Soplaba el viento del nordeste  
y estaba detenido el tiempo  
y la ilusión se derramaba  
misteriosa desde su reino.  
Era la hora de cantar  
canciones que se lleva el viento.*

*Pero el cielo se torna oscuro  
y siente el hombre alzarse, dentro  
del corazón que le sostiene,  
su propio muerto.*

*Ha pasado sobre la vida  
la tristeza. Ya se extinguieron  
sin remedio las hermosuras . . .*

*Aqui está Víctor Corugedo,  
comunicándonos su alma,  
cantando en el cruce de vientos,  
diciéndonos, sin decirlo,  
cómo son las cosas que fueron,  
cómo duelen en nuestra carne  
los brotes secos.*

*Aqui está Víctor Corugedo,  
batallando, para no hundirse  
sin vestigio en aguas del tiempo,  
como los hijos nebulosos  
de su sangre, que no nacieron,  
comunicándonos su alma,  
cantando en el cruce de vientos.*

*JOSE HIERRO*



# the lost paradise

*Já perdi meu paraíso.*

*Já tive meu paraíso  
Na capital de São Paulo  
no bairro do Paraíso.*

*Eu era um cravo encarnado,  
ela uma triste açucena  
sempre morena. Morava  
na rua Treze de Maio.*

*Um dia alguém a levou  
— não sei se a morte ou um amante.  
Não sei mesmo quando foi  
que a encontrei e perdi.  
Sei que a não tenho e já tive.  
Não sei se é morta ou se vive  
com seus olhos quase verdes  
e sua ternura frágil  
como aquele céu queimado  
da rua Treze de Maio.*

*E hoje — já nem sou homem :  
sou um fantasma nocturno,  
uma sombra, uma lembrança*

a repetir sem descanso  
como disco ou papagaio :  
— já tive meu paraíso  
no bairro do Paraíso  
na rua Treze de Maio . . .

*Não penseis que ela era casta.  
Não penseis que ela era impura.  
Era mulher como as outras  
e eu um homem qualquer  
— um desses homens anónimos  
que andam afivelados  
à saia de uma mulher.*

*Já perdi meu paraíso.  
Já não tenho o que perder.  
Perdi a vida que havia*

*no corpo dessa mulher.  
Hoje, abro o jornal do dia  
como qualquer dromedário  
das classes conservadoras  
e leio as Notas Sociais,  
o Pregão Imobiliário,  
Vida Agrícola, Tribunais  
e uns anúncios indiscretos  
de uma infusão imoral  
que promete maravilhas  
contra a fraqueza sexual.*

*Hoje caminho nas ruas  
como qualquer cidadão,  
cabisbaixo, despojado,  
eu que governei o mundo  
na rua Treze de Maio,  
entre anjos que obedeciam  
à minha voz de Senhor !*

*Já não tenho a lua branca  
— a lua daquele ventre  
de onde uma estrela brotou.  
Sou isto : um sobrevivente  
do naufrágio em que perdi  
a vida que ainda me resta :  
esta pobre vida morta  
gelada, tão diferente  
daquele sol sem desmaio  
do céu queimado e moreno  
do paraíso perdido  
na rua Treze de Maio.*

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA



# c a n ç ã o

*Aquele momento, aquela hora tão minha,  
Em que tanto era, se perdeu, se vae  
Entregando ao silêncio, vazia  
E já quase sem lembrança.*

*Quando é noite*

*A luz das estrelas resvala  
No ângulo do telhado, na árvore, na flor  
E sinto-a vacilando, e pelo murmúrio da aragem  
O que outrora alegre parecia, hoje  
Apenas pranteia seu exílio numa inviolável paisagem.  
Vejo-me distante e irreal, até que qualquer muro ou colina  
Apague a figura que se afasta.*

JOSÉ PAULO MOREIRA DA FONSECA



## nascimento da poesia

*A primeira palavra trazia um verso que ninguém traduzia  
porque os homens ainda não tinham cravejado os dedos de beleza.*

*- Então o homem criou a música do silêncio  
para com ela erguer mais alto a sua fome de universo.  
E descobriu as lágrimas e os mitos  
o desespero e as aves,  
o amor e a floresta, a noite e o mar.  
E foi o poeta,  
ignorando o grande sonho que o animava.*

PAULO ANTÔNIO

# Carta de paz a un hombre extranjero

para Roger Noel-Mayer

*Amigo :*

*No sé cual es tu patria  
y aun sé mucho de ti.*

*Pero hay algo más que me inquieta :  
no sé si tienes madre por quien luchar,  
o si tienes simplemente una novia,  
una amante,  
en quien poder abandonar tus cansadas manos,  
tu pesado corazón de hombre ;  
tu loco corazón hecho de sangre,  
o de sueños, o de sombras, o de nada.*

*Amigo mío, no sé nada de ti,  
y sin embargo te siento latir en mi mismo.  
Lo que ya es bastante para escribirte.*

*Hoy he abierto la ventana,  
y he visto la ciudad agitarse  
con su rudo clamor de alegría . . .  
(Pero algo me entristece, sin embargo, al  
pensar las ciudades).  
Tal vez alguien piense lo mismo  
cuando pasen los años.  
Pero esto será despues de mucho tiempo.  
Acaso, cuando . . .*

*Mientras tanto, escucha :  
quiero hablarte de mi ;  
de mi viva presencia que no sabes ;  
de mi oscura existencia de hombre,  
para garantizarte que existo,  
que corre el año 1951,  
y yo, hombre, de tantos años de edad, vivo  
en tu mundo.*



*Yo si que tengo madre.  
Una madre que a veces me pregunta :  
«Hijo mio, en qué piensas?».  
Porque ella se imagina algo que no sabe  
de mi condición de poeta.*

*También tengo una novia  
en cuyo cuerpo, quiero aprender la forma  
— acariciada tierra —  
en que he de sembrar un día.*

*Puedo hablarte de cosas más vulgares.  
Por ejemplo de mi perro Tomi.  
Un perro sin casta de los que llaman callejeros.  
Pero que a veces, él se acerca a la butaca donde yago,  
acaricia mis piernas  
— tiene un lomo tan suave —,  
y se aleja pensativo, callando, pensativo.  
Como si en mis cuartillas yo estuviera haciendo  
algo grande!  
(Vale la pena vivir para tan poco!).*

*También tengo unos libros  
— no muchos —,  
y esta habitación donde los versos lloro  
como una pena más.*

*Amigo :  
te escribo para decirte,  
que si algún día tu deber es poner una bala  
en mi pecho,  
pienses antes de hacerlo,  
si aquel que tú señalas con la muerte certera,  
no será este mismo poeta que hoy te escribe,  
y que entonces querrá,  
como tú,  
seguir viviendo.*

MANUEL ARCE.

# tu, poesia!

*Escorrem no teu corpo oceanos e estradas,  
Tantos e tantas que nem sei dizer-te;  
Nessas veias de múltiplos destinos,  
Sem saber se pode conhecêr-te,  
Vem a noite de pálpebras molhadas.*

*Mesmo que os dias dos mundos  
Num desvario de horas e torpezas  
Sobre teus seios de nácar se inclinassem,  
Só segredos de ventos e areias  
Recordariam a traição, se te beijassem,  
Num acordar de enganos e vilezas.*

*Antes a voz da miragem que tu cantas;  
São tantas as vozes que eu escuto:  
Para além dessas notas que tu cantas  
Outras vozes de penumbra eu perscruto.*

*Faces duplas na tua face vejo,  
Verdadeiras florestas de mitos e escravos,  
Á espera de um desejo que desejo  
Como cenário de mirtos ou de cravos...*

*A saudade dos lenços que acenas  
São o pólen das rosas do passado;  
Não se apaga o passo já andado  
Nem se bebe a cor das açucenas.*

*Vejo ou não vejo o teu olhar sereno?  
Quero ou não quero o teu abraço breve?  
Vem comigo, meu amor pleno,  
Dá-me as tuas mãos, num repouso leve.*

*Vem sem pressa, deixa os vendavais;  
Ouvem-se as corujas a piar nos escombros.  
Vem de par em par, encosta-te aos meus ombros,  
Vem comigo alegre, deixa os vendavais...*

Ouves os anhos a balir nas moitas?  
Vêem-se as aves a voar no espaço.  
Dá-me o teu sorriso, inclina a face,  
Quero-te assim a sorrir no espaço  
Como um segredo que se inclinasse  
No mutismo incerto em que tu te acoitas.

Para além da noite, outro Sol renasce,  
Para aquém do dia outra noite desce ;  
Mas, que importa a lua se a planta cresce  
E após a noite outro dia nasce ?

Esvaem-se minutos e dias sem distarce  
Como um rio sem norte e sem juzante:  
A toz é mulher com horizonte  
Onde a voz de um quadrante se calasse.

Tempo de sombras,  
Como raízes de líquidos países ;  
Porque te calas meu Amor ? — não dizes  
Que me queres com tuas asas loucas  
E mãos de fumo  
A brincar nas bocas...

Bem sei que vão ao fundo do abismo  
Os meus olhos,  
Sem talvez senti-lo ou desejá-lo:  
No assomo do encoberto e dos pertis,  
Não ponho um propósito de atingi-lo  
Ou um firme desejo de alcançá-lo...

Porque cresces como árvore flexível,  
Com asas nos cabelos e folhas de aquário?  
Meu monólogo absurdo, deixa-me viver,  
Na posse real de um idílio mudo  
Para além dos nardos de um jardim qualquer...

AURELIANO LIMA

# MIGUEL HERNÁNDEZ GINER, POETA

En 1937 apareció en una gran revista hispanoamericana, la *Revista Hispánica Moderna* de New York, una larga nota mía acerca del poeta Miguel Hernández Giner. Data del año anterior el motivo que le dió origen, y que fué la aparición del volumen de poesía titulado *EL RAYO QUE NO CESA* en las Ediciones «Heróe» de Madrid. A tan larga distancia, resumiendo la emoción de entonces con la persistente emoción actual, Miguel Hernández Giner vuelve ante nosotros como lo que fué: un extraordinario poeta, un muchacho genial que tuvo la malísima suerte de vivir y de morir dentro de unos años ingratos.

*EL RAYO QUE NO CESA* (30 poemas), es un hermoso libro salvaje. Yo diría mejor «selvaje» pues a selvas es a lo que trasciende. Libro escrito mano a mano con la personalización agria y escueta de los instintos primitivos. «Azorín» dijo que Miró era un hombre primitivo (en ABC, a raíz de su muerte), y de Miguel Hernández se podría decir como un elogio cósmico que es un «poeta selvaje».

La crítica técnica dirá en su día inevitable, — que es el día de la Crítica — cuántos y cuántos elementos constituyen, técnicamente, el temperamento lírico de Miguel Hernández. Pero en este momento (1936), quien no critica sino que elogia una voz inscrita en el mismo aire poético que respiramos en la vieja Murcia, tan culta, y antes que Castilla sufridora de seismos intelectuales, sólo se atreverá a destacar algunas de las cosas que merecen admiración. En la obra del que Juan Ramón Jiménez llamó hace unos meses en *El Sol* de Madrid «extraordinario muchacho de Orihuela», se siguen las fecundidades poéticas con un vigor y un acierto del que nos enorgullecemos en la antigua Coroa de Todmir.

Si Miguel Hernández, o, mejor dicho: si el barro hirviente que es el poeta se dejara llevar demasiado por eléctricas galerías de sobrerrealismo, o por los usos — en abusos — de un mal entendido aprecio por lo humilde alabando lo que es a todas luces antipoético, pronto volvería de su acuerdo, codicioso de la autenticidad arrolladora que es su signo. Porque Miguel Hernández no puede seguir pasos de nadie, ni militar en escuelas, ya que está predestinado a establecer su propia escuela. Los líricos de su talla caminan solo abriéndose paso entre los que les seguirán subyugados. Con este poeta de Orihuela (más murciano que alicantino), se inaugura una forma vitalísima de la poesía de nuestra época. Escuchémosle.

Dice que sufre en *EL RAYO QUE NO CESA*, y no es verdad; no sufren si no un momento los árboles podados — cuando el dolor poético arranca del alma ramas! —, pero retoñan con mayor vigor y sanguíneo empuje. Las circunstancias falaces que la vida del artista presiden, son el hacha del árbol verde

que es el poeta; su dolor nos parece claro y preciso, admirable en los versos, porque es un dolor optimista, que no ataca sino que convence, persuade, de lo pronto que irá la felicidad lírica a las manos del poeta.

Para los del mar, Miguel Hernández es un amigo enlazado a otro amigo, y a una ciudad de y con Miró. Le conocimos en Orihuela cuando su libro primero, *PERITO EN LUNAS* (Ediciones SUDESTE, Murcia), estaba en cuartillas, algunas de las cuales, manuscritas, conservamos. Después vino el salto a Madrid, estación de la que no nos libramos ni sustraemos ninguno; y *QUIEN TE HA VISTO Y QUIEN VE...*, auto sacramental editado por la editora de CRUZ Y RAYA, apareció con hondo rasgo clásico. Ya estaba bien definido lo clásico en *PERITO EN LUNAS*, y en el auto sacramental casi pasaba su perfección. La cantera viva, vivaz, de Miguel Hernández Giner, producía con frescor de obra eterna; su clasicismo era y es el del olivo y el del pozo artesiano que es la palmera: les basta nacer para realizar en torno suyo un paisaje.

*EL RAYO QUE NO CESA* tiene empeños *selvajes*; pasión de animal ebrio de su sangre con sol, que busca el regazo de la tierra — no de la seca Castilla sino de la rojiza y mollar de Alicante —, para hundir en ella un aliento que mueve montes y cielos. Del hervor físico del animal herido, gozoso, brota el lujo inexpresable del alma. Por el libro yerra un alma indeformable, o inadaptable a otra forma que la suya firme, que vale bien el dramático empeño del toro desmandado en quien el poeta — que no le teme a los adjetivos ni a los conceptos —, quiere ir a los trebolares donde todo roce es flor, y en los cuales es más alegre llevar al cuello «un vendaval sonoro».

Miguel Hernández Giner es hombre de campo y de mar, aunque del mar sólo lleve la figura y el color; por hombre de campo su poesía de los trabajadores huele y sabe a tierra regada; tiene todo el sudor de una jornada de sol a sol, pero es un sudor limpio y a lo que huele es a caballos frescos. El alma, el soplo de la gran materia que es *el RAYO QUE NO CESA*, lo traspasa y aligera todo de su gravedad solar:

*«Después de haber cavado este barbecho  
me tomaré un descanso por la grama  
y beberé del agua que en la rama  
su esclava nieve aumenta en mi provecho...  
Todo el cuerpo me huele a recién hecho  
por el jugoso fuego que lo inflama.»*

El citado poema está ofrecido al botijo que, pendiente del árbol, orea su barro y acrece su frescura para la boca sedienta y ávida del labriego que le pide sosiego.

En otro verso, bien logrado como soneto y como creación, el alma se adelgaza y esbeltea:

*«Garza es mi pena, esbelta y triste garza  
sola como un suspiro, y un ay, sola...»*

Pocas veces dentro de la arquitectura poética, los adjetivos terminados en «mente» se pueden sufrir; aunque siempre sería mejor que no se usaran, en Miguel Hernández que los emplea con abundancia, no podremos decir que sobren. El lenguaje culto, táctil, auditivo: exacto o fiel a las fuerzas cósmicas de que son reflejo o delirante interpretación.

Si el corazón de barcos no se llena, dice el poeta que fatiga andar por ciudad de puerto. Otra vez el espíritu se hace vela de la tierra compacta y engaña al optimismo de la juvenil persona, con una leve tristeza que no se recoge en ningún pañuelo que, sediento, vaya de vuelo.

Hay al final del libro que comentamos una Elegía a la muerte del genial Ramón Sijé, que sólo se desvía un ápice del trágico heroísmo de hermosura que la asiste para volver, al punto, al canon de perfecta belleza que es su designio. No se puede lamentar con mejor voz la muerte de un adolescente. Y también aquí está el ímpetu de fiera, con redobles de ternura bajo sus espadas de baraja; la obstinación enamorada que hace del bello del animal una mano sumamente sensible que tacha la corteza mojada de llanto para buscar un cuerpo enfriado...

*«Quiero escarbar la tierra con los dientes,  
quiero apartar la tierra parte a parte,  
a dentelladas secas y calientes.  
Quiero minar la tierra hasta encontrarte...  
Volverás a mi huerto y a mi higuera:  
por los altos andamios de las flores  
pajareará tu alma colmenera...»*

Puede gritarse algo más espiritual, más materialmente divino, más lleno del pavor y de la ilusión, de la sonrisa del amor?

*«...por los altos andamios de las flores  
pajareará tu alma...»*

Y ya no se pueden hallar adjetivos para la tierra que se ha hecho huracán, y para el huracán que se ha quedado en rosa..., «temprano madrugó la madrugada»... Es así como el aliento lírico de EL RAYO QUE NO CESA, ha venido. Ojalá que los vaivenes del contacto, — ojalá también que no el contagio — poético ajeno, no paren la madrugada del que hizo este libro!

Pues si un poeta del tono que lleva Miguel Hernández en su garganta, en lugar de ir a solas mucho tiempo, escuchándose hasta saberse como el cuerpo sabe a su sombra de fuera de sí, se gastara en oír voces de opuesto sonar al suyo; si, en definitiva, no tuviera siempre presente que su lealtad ha de empezar consigo mismo antes que con otros, este volumen poético, poliedro perfecto de regular geometría del espacio, se quedaría único en un espacio desolador, que ya atrajo a muchos valores que no aprendieron a auscultarse a sí mismos.»

\*

\*

\*

Hasta esa línea pertenece el comentario hecho en 1936 al libro de poesía titulado *EL RAYO QUE NO CESA*.

Después sobrevino la guerra española; unos pocos libros de Miguel Hernández aparecieron por entonces: *EL LABRADOR DE MÁS AIRE, VIENTO DEL PUEBLO*, entre los que recordamos...

Cuando se acabó la guerra y comenzaron otras angustias, Miguel Hernández, el más inepto hombre para las tareas de guerra y de paz entre los hombres, se portó como suelen portarse los poetas de todos los tiempos: con un absoluto desconocimiento de la realidad, de lo que se debe o no debe hacer. Y el resultado fué su propia ruina: Miguel Hernández murió pronto, tan pronto que apenas si entre su existencia y el recuerdo cabe el hondísimo suspiro del enorme dolor que nos cuesta a sus amigos!

Su obra inédita es grande, al parecer; pero tiene esposa e hijo que podrán cumplir, con nosotros algún día, (en este «nosotros» caben todos los fieles a la Poesía eterna), el deber de reunirla y darla a luz para constancia de su valía (1). En el tomo de su *Obra Completa* habrá que clarificar, sin duda, muchas circunstanciales cosas que nada añadieron a la autenticidad del poeta que fué Miguel Hernández.

Después de aquellos magníficos poemas al toro, en donde Miguel iniciaba todo un mundo ibérico de pura cepa, otros poetas más jóvenes han tratado de seguirle... Pero la recia voz hombruna, la hermosa voz de Miguel Hernández, nunca podrá ser alcanzada. Es ella, sola y suya, como solo y él es un buen lucero!

Verdad es que yo junto a mi condición de lectora que admira aquella mejor poesía de Miguel Hernández, la no menos devota de amiga y casi com-provinciana... Y que estoy lejos de poder ofrecer una buena objetividad crítica. Sin embargo, cuando os digo que Miguel Hernández Giner fué un gran poeta, creedlo como si os hablara la historia de las Letras Españolas.

1946.

CARMEN CONDE

(1) Nota en 1951: la colección *Austral*, de Espasa Calpe, ha reeditado «El Rayo que no cesa». Y en Alicante, un grupo de poetas está preparando una edición nueva de sus poesías, incluso inéditas. — C. C.

# Algo de Novo na Poesia Inglesa

Embora o grande público da Inglaterra continue dando um apreço especial à poesia de sabor victoriano do laureado John Masefield, e determinado sector desse grande público não tenha ainda esquecido a beleza rítmica e o sortilégio do lirismo céltico de Yeats ou a frenética e estranha mensagem de D. H. Lawrence; embora a poesia de T. S. Eliot, e a dos seus companheiros de geração, e também a dos poetas dos anos de 30, continuem a merecer o interesse particular dos críticos e nelas se situe mais nitidamente aquilo a que é justo chamar-se «moderna poesia inglesa»: a verdade é que novas vozes líricas se fazem ouvir em Inglaterra. E, se é ainda cedo para afirmar a existência de uma nova escola de poesia em Inglaterra, nem por isso deixa de existir uma nova geração de poetas que estão dando à poesia inglesa um outro aspecto. É, portanto, lícito falar-se de «a mais jovem geração» de poetas ingleses.

Essa nova geração (à qual pertencem os poetas que se afirmaram ou surgiram depois do último conflito internacional) embora particularmente moldada pelo mundo e pela mentalidade que esse conflito gerou, e integrada num movimento espiritual e artístico, não só típico de todos os *após-guerras* mas representativo de uma corrente de pensamento que parece ter-se tornado universal, essa nova geração, dizíamos, não pôde, fatalmente, surgir sem se apoiar naquilo que para trás ficava e mais perto dela se erguia. Por isso, ela nos parece ser uma *étape* natural e momentâneamente final da moderna poesia inglesa, que realmente foi iniciada pelo grupo de poetas que fez o seu aparecimento durante e após a guerra de 14 e que com Wilfred Owen, Isaac Rosenberg, Sigfried Sassoon, W. Wilfred Gibson e Edward Thomson reagiu contra o romantismo decadente dos poetas victorianos e insuflou a poesia inglesa de um alto tom de humanidade e piedade, tentando torná-la mais real e autenticamente humana. Compreendendo com esses poetas — aliás o que já tinha acontecido aos poetas de 30 — que a poesia não pode afastar-se de tudo aquilo que é humano, e tendo de «*tudo aquilo que poeticamente é humano*» uma mais equilibrada noção do que os poetas de 30, os mais jovens poetas ingleses não poderiam ser alheios à presença enorme dos poetas que os precediam e em cujo ambiente se tinham formado. Assim, parece-nos terem assimilado e superado tudo quanto dos movimentos modernos e dos poetas modernos tinham para herdar: o, já citado, lirismo humano dos poetas de 14; as inovações e a amplitude da linguagem poética do movimento anglo-americano conhecido por *Imagism*, com o qual compreenderam o valor de cada palavra e de cada imagem; a inquietação e a aventura de Lawrence; a pujança lírica e perfeita das imagens de Yeats; e, muito especialmente, a poesia de Eliot e seus companheiros



de geração, como a dos poetas de 30 — Auden, Day Lewis, MacNeice, Spender e Lehmann.

Com Eliot aprenderam os mais jovens o alto tom de dignidade humana que com ele a poesia assume: o debruçar sobre todos os problemas humanos, uma quase metafísica concepção de tempo, um ideal místico, não do clássico tipo dos misticismos religiosos, nem de outros mais modernos misticismos, mas de um misticismo que insuflava de força os ideais de uma geração que surgia num momento em que a Humanidade parecia ter perdido a noção dos seus valores eternos. Se alguma grande lição Eliot transmitiu aos mais jovens, foi, certamente, a sua confiança, a sua crença, no Homem. Não ouviram eles inteiramente a mensagem de Lawrence: desdenhando da exaltação do Homem instintivo, em detrimento do Homem intelectual, interessou-lhes, no entanto, a frenética procura de uma nova civilização, de uma outra civilização, que, se não era aquela que a Lawrence mais poderia interessar, era, com certeza, aquela que Eliot lhes desvendava, em parte.

Do cotidiano liricamente expresso por Edith Sitwell com uma maravilhosa *imagery*; do vago sabor triste da poesia pastoral e bucólica de Edmund Blunden; da realidade sempre envolvida de sonho e ansiedade de Walter de la Mare; da vida cedendo experiência poética, na tentativa de Robert Graves; e do fluir do tempo e da contemplação do fenómeno poético tão característicos de Edwin Muir; para não falar da influência de Herbert Read, Laurence Binyon e Richar Church, puderam os mais novos fazer uma curiosa assimilação poética com o que de mais humano e sincero, interessado, estava patente na poesia de características político-sociais dos poetas dos anos de 30. Esses poetas que, quase todos, tinham estado na guerra civil de Espanha (onde alguns, como Ralph Fox, Julian Bell, Christopher Caudwell e John Cornford, perderam a vida) cederam aos mais jovens a consciência da sua condição social de poetas e homens, a consciência do seu dever de, como poetas, denunciarem a injustiça e a desumanidade do tempo presente, e deram-lhes aquele tom heróico que eles, os mais jovens, vivendo o momento dramático da guerra, iriam necessariamente abraçar.

Ao contrário do que é costume, não se mantiveram os poetas de 30 nos princípios que lhes haviam servido de estandarte ao iniciarem a sua entrada no campo das letras. Salvando a poesia inglesa de uma dada esterilidade e secura inerentes aos seus princípios de escola que assenta sobretudo numa concepção social da arte, eles, sem deixarem de ser interessados, aliam-se aos mais jovens para que a poesia, apesar de interessada e *temporal*, não deixasse de ser poesia autêntica, autênticamente assente nos valores eternos de toda a criação artística. Poder-se-á, por isso, dizer que os mais jovens poetas da Inglaterra compreenderam a lição de Auden, Day Lewis, MacNeice, Spender

e Lehmann e viram o que ela representava como expressão de uma época; particularmente aprenderam o que Auden, com um tom aparentemente desiludido, nos transmite quando a sua poesia nos afirma que há ilusões que vale a pena manter e defender. De resto, os poetas de 30 estão ainda bastante jovens para que as suas mensagens se possam tomar como definitivas.

Ao mesmo tempo que o grupo de Auden fazia o seu aparecimento, um outro grupo, afinando pouco mais ou menos pelo mesmo diapasão, mas mostrando uma tentativa de conciliação entre os temas e processos dos poetas amigos de Auden e da poesia dos companheiros de Eliot, iria surgir: William Empson, Ronald Botrall, Kathleen Raine e outros que marcam o início de um regresso às tradicionais formas de lirismo inglês, regresso que alguns dos poetas companheiros de Auden aceitaram ultimamente e que, formalmente, é a base da poesia dos mais jovens.

No entanto, a primeira reacção declarada à poesia dos companheiros de Auden está nas mensagens de Dylan Thomas, George Barker e David Gascoyne, os quais se encaminham abertamente para uma poesia misteriosa, intelectual, involuntária, de leve sabor céltico, e expressiva de uma nova fase de romantismo. David Gascoyne iria depois ingressar no movimento surrealista que, por momentos, chegou a ter grande incremento.

Na realidade, é o tom romântico exaltado — de um romantismo que parece ser o complemento da nossa época — o que mais nitidamente marca a poesia dos mais jovens, entre os quais se deve destacar: Vernon Watkins, Laurie Lee, F. T. Prince, Hery Reed, Sidney Keyes, poetas particularmente tocados pelo espectáculo da guerra; Alun Lewis, poeta mais nitidamente expressivo nos seus contos do que nos seus poemas; Terence Tiller e G. S. Fraser, autores tremendamente intelectualizados; e os *apocalípticos* Henry Treece, J. F. Hendry, Norman MacGaig, Nicholas Moore e Tom Scott aos quais se foram juntar Vernon Watkins e G. S. Fraser.

Embora no grupo dos *apocalípticos* a esperança no futuro da Humanidade seja mais veemente do que qualquer outro sentimento, e embora formal e esteticamente seja difícil marcar características comuns aos mais jovens poetas ingleses, qualquer coisa, no entanto, os une: um interesse humano universal, mas, ao mesmo tempo, um desejo conciliatório entre a realidade e o sonho, o mistério, a autenticidade pessoal da obra de arte.

**notícia redigida por TOMÁS RIBAS**

## NOTA BREVE SOBRE O PINTOR

# JÚLIO RESENDE

Quando há pouco mais de dois anos entrei na pequena galeria da Portugália do Porto e deparei com os trabalhos que Júlio Resende expunha então, lembro-me nitidamente de ter pensado que me encontrava diante de uma coisa rara na pintura portuguesa — um artista que nos falava não só à nossa sensibilidade como também à nossa inteligência, sem transigir com sentimentalidades, e, ao mesmo tempo, sem se desprender das raízes do homem, da nossa carne, das nossas vísceras. E mais ainda — um artista moderno, utilizando corajosamente, conscientemente, as correntes estéticas mais subversivas; não por *moda* ou *anti-tradicionalismo*, mas por uma necessidade de ser do seu tempo, por uma exigência funda de lutar contra a morte.

Não era difícil ver isso naqueles treze quadros, que patenteavam uma aventura viril, feita de esforço e de sonho, de insatisfação e de liberdade.

De um lado tudo isto e do outro o pintor Júlio Resende, sentado a um canto da sala, só, seguindo com os olhos atentos um ou outro visitante, que mal entrava logo saía, alheio àquela luta ardente — tentar meter o cosmos em dois metros quadrados de tela.

Júlio Resende não desanimou com aquela indiferença e continuou enriquecendo a pintura portuguesa moderna com algumas das suas obras mais europeias. Ele sabe que há anjos e *snoobs*. Que há gente para quem a Arte é um puro divertimento, uma distração. E sabe também que haverá sempre gente para quem o universo harmonioso de um Picasso, de um Braque, de um Apollinaire; de um Neruda, de um Bartok, não é senão cáos e imperfeição.

A esses será sempre necessário lembrar as palavras de Da Vinci: *O grande amor nasce do conhecimento profundo da coisa que se ama: e, se tu não a conheces, não podes amá-la ou só a amarás muito superficialmente.*

EUGÊNIO DE ANDRADE

## PUBLICAÇÕES E LIVROS RECEBIDOS

(aos quais, oportunamente, se fará referência crítica):

M. Vilhena de Carvalho — *Montanha Branca*; Afonso de Moura Guedes — *Cidade Longínqua*; Vasco Miranda — *Alfa e Ómega*; Maria da Encarnação Baptista — *Hora Entendida*; Fernando Ferreira de Loanda — *Panorama da Nova Poesia Brasileira*; Lêdo Ivo — *Ode ao Crepúsculo*; Amândio César — *Relógio de Sol*; Cyro Pimentel — *Poemas*;

e

*Cítara* (1 e 2), *Isla de los Ratonos* (13), *Horizonte* (2), *Ágora* (2 e 3) e *Sazón* (3).



Dirigir toda a correspondência ao Director de SÍSIFO,  
Avenida Sá da Bandeira, 108 — Coimbra — Portugal.



SÍSIFO não é uma publicação de um grupo. É uma publicação aberta a todos aqueles que crêem na Poesia. Por isso, todos os poetas que nos escrevem serão atendidos com simpatia.

EXEMPLAR N.º 317

DISTRIBUÍDO PELA  
ATLANTIDA, L. E. L.  
E IMPRESSO NAS SUAS OFICINAS

1 9 3 1